

Prefácio

Este é um livro sobre luz. Luz brilha no espaço, iluminando essa vastidão e tudo o que surge nela. Vemos isso com o sol e a lua – quando sua luz é desimpedida, ela flui igualmente em todas as direções, livre de preconceitos. Mas, quando ilumina coisas, sombras aparecem como áreas de escuridão. O objetivo das práticas aqui descritas é experimentar a translucidez livre de impedimento e sombra. A ausência de existência inerente em objetos como casas, pessoas ou bananas é real, mas é disfarçada por nossas próprias projeções reificantes.

A raiz de todo o sofrimento para todos os seres sencientes não é a doença, a guerra, a mudança climática, as ações danosas dos outros ou mesmo as nossas próprias delinquências e erros. Essas causas imediatas de perturbação emergem de uma única raiz – nossa não-lucidez de como realmente somos. Devido a isto, não vemos claramente mas apenas através dos véus da imaginação. Imaginamos que nós e todas as criaturas que encontramos verdadeiramente existem como entidades independentes. Assim, é como se cada criatura viva fosse apenas ela mesma. Por exemplo, vemos uma vaca no campo e exclamamos, “Ah, que bela vaca!” Tendemos a ignorar o fato de que a vaca é uma prisioneira escravizada, uma refém que irá servir os propósitos do seu dono. A palavra ‘vaca’ parece indicar alguma entidade autônoma - uma vaca é uma vaca que é uma vaca. Ainda que a vaca deva comer e respirar e seja dependente do fazendeiro para beber água e sal. O fazendeiro mantém a vaca e a vaca mantém o fazendeiro. Suas funções se confirmam mutuamente. Não há vacas auto-existentes, ou fazendeiros auto-existentes ou humanos auto-existentes ou nada que seja ‘auto-existente’. A luz da nossa própria mente tal como é é como a do sol e a da luz, espalhando-se igualmente para exibir os padrões de luz que tomamos, equivocadamente, como padrões de luz. Quando não vemos a luz como luz, imaginamos entidades e estas entidades se tornam o limite do nosso mundo. Somos como uma lamparina em um pote de barro iluminando um pequeno universo no qual pensamos saber tudo sobre o que está acontecendo. Conhecemos a nós mesmos e os padrões da nossa vida - e assim tudo parece ser na medida em que permanecemos ativos na nossa concepção sobre isto. A função da prática é quebrar, abrir ou ver através do pote da artificialidade, associação, assumpção e delusão de modo que a luz intrínseca da nossa mente não-nascida brilhe, livre da limitação e da reificação.

Luz é energia e a energia da base ou fonte surge tanto como fenômenos quanto ideias. O jogo entre o potencial da luz como a iluminação ‘física’ e cor e o potencial da luz como iluminação ‘mental’ e pensamento, sensação, memórias, etc, gera todas as possibilidades que encontramos nesta e em todas as nossas vidas. Para ver isto diretamente, precisamos despertar do sono onde sonhamos a ‘realidade’ aparente das nossas ilusões. Precisamos ver que na condição da abertura somos a fonte da luz; e que na condição da presença somos a claridade da luz, o brilho ou a imediatez deste campo de exibição; e na condição de participação, nossa luz ativa a participação das outras formas de luz, trazendo a liberdade para espontaneamente responder na condição de luz respondendo com luz.

Somos parte de uma linhagem de luz. O Buda primordial, o intrínseco despertar presente em todos os seres sencientes, é conhecido como Sempre Boa Imutável Luz (*Tib. Kun-Tu-bZang-Po ‘Od-Mi-Gyur*). Ele manifesta o triplo aspecto da Luz Ilimitada Amitaba (*Tib. sNang-Ba mTha’-Yas*), Luz Imensurável ODPAGME (*Tib. ‘Od-dPag-Med*) e a Luz Sem Medidas Amitayus (*Tib. Tshe-dPag-Med*). Eles são as formas búdicas da Família Lótus e incorporam o saber imutável original o qual discerne

a especificidade única de cada aparência sem enviesamento ou desejo. Do coração do Buda Amitaba, Luz Sem Limites, a letra HRI irradia luz manifestando-se como o Nascido do Lótus, Padmasambhava (*Tib. Padma 'Byung-gNas*).

O lótus é a fonte, vacuidade aberta inapreensível, a mente em si mesma, pura desde o princípio. Esta fonte instantaneamente dá nascimento a presença da bondade de todos os Budas, o surgimento espontâneo da aparição de muitas formas que oferecem liberação através da fusão em seu coração. Ele é Guru Rinpoche, o Guru Precioso que é tanto o Nascido no Lótus como a Fonte de Lótus e todos os três nomes serão usados neste livro. Contudo, ainda que ele seja conhecido como Nascido do Lótus, ele nunca nasceu e nunca irá morrer uma vez que ele é o imutável corpo de luz. Isso também é quem e como nós somos se permitimos que as nossas obscuridades adventícias serem deixadas para trás e experienciarmos a lucidez ilimitada. Os nomes Amitaba e Amitayus derivam da palavra em sânscrito a-mṛta, “imortal”. Isto que é não-nascido é também livre da morte. O foco da nossa prática é encontrarmos-nos nesta liberdade brilhante intrínseca.

A Fonte Lótus é a inseparabilidade da abertura e da potencialidade. As aparências são luz. A luz é inapreensível, fresca, não-artificial, imediata. A linhagem também flui de Amitaba, Luz Sem Limites, para Avalokitesvara, Aquele que Vê, e então para Padmasambhava, a aparição de luz Nascido do Lótus. Em Dewachen, Grande Felicidade, a terra pura de Amitaba, todos nascem em um lótus. O mantra de Avalokitesvara, Om Mani Padme Hung Hri, nos lembra que a joia da compaixão é inseparável do lótus da vacuidade sempre pura onde ela repousa. Padmasambhava, o não-nascido que é o Nascido do Lótus, é a presença vital de aparência e vacuidade dissolvendo toda a reificação e sua conseqüente delusão. Ele é representado sentado em um assento de sol e lua – duas grandes fontes externas de luz – sobre um lótus, a fonte última.

As preces e aspirações no início desse livro são o caminho que nos permite conectar com a verdade quem somos. A devoção une onde a ignorância dividiu. O poder da devoção pode ser aumentado através da recitação das palavras dos grandes yogues do passado, incluindo Padmasambhava. Você vai encontrar essas jóias em *OS SETE CAPÍTULOS DA PRECE: COMO ENSINADO POR PADMA SAMBHAVA DE URGYEN, CHAMADO EM TIBETANO LE`U BDUN MA* (wandel verlag, Germany 2010) and in *ANSIANDO PELA LUZ SEM LIMITES: ENTRANDO NA LUZ DO AMOR DE AMITABA* (Simply Being, UK, 2021).

Então, temos práticas no estilo tântrico de união com Padmasambhava seja pela dissolução na sua luz seja por seja por ser carregado instantaneamente pela sua luz para dentro do seu coração. Para ganhar o benefício completo dessas práticas é fundamental receber a iniciação e praticar com os demais na linhagem.

Os textos neste livro foram traduzidos por James Low com a ajuda e as bênçãos de C.R Lama, Khordong Terchen Tulku Chimed Rigdzin, mais de 40 anos atrás. As traduções foram revisadas por James Low que escreveu esta introdução. O trabalho oneroso de digitar e inserir as correções foi realizado por Barbara Terris, sem a ajuda dela este livro não veria a luz do dia. Os textos individuais foram preparados em forma de livro por Sarah Allen.

Que todos possamos viver na condição de luz na luz.

Introdução

QUEM É VOCÊ? Separado de todas as identidades que você vai adotar e descartar nesta vida, você é um ser senciente. Você é senciente, apto a sentir, a pensar, a saber. Você tem uma mente, ainda que a sua 'mente' como você aprendeu a pensar sobre ela, não é como ela verdadeiramente é. De fato, seus conceitos e pensamentos sobre o seu corpo, fala e mente são a sua grande limitação em curso. Nem você nem o mundo com todos os seus habitantes e objetos são o que você pensa que são.

POR QUE ISTO? Devido a reificação, apego e julgamento, a lucidez brilhante que é a base atual é escondida de você. Quem fez isto? Ninguém. Em um repentino momento surgido, a delusão de uma entidade emergiu na vasta expansão iluminada pela lucidez. A excessiva insistência desta delusão brilhante adensou-se dentro de uma proto-existência. Entorpecido pela intensidade de sua própria energia brilhante, o momento parece permanecer depois que passou. Este traço, sombra, eco, evocou um próximo momento insistente e gradualmente seus traços se densificam como fumaça ou névoa até que há uma 'coisa' impenetrável. A opacidade manifesta como a bifurcação da luz em sujeito, o aparente iluminador, e objeto, o aparentemente iluminado. Desta interação surgem a diversidade de entidades imaginadas, todas as pessoas, animais, vales, máquinas, etc, e tudo o que forma o domínio da nossa experiência viva.

Ao nos experienciarmos como sendo alguém em um determinado lugar, surgem sentimentos de gostar e não-gostar em relação aos objetos que encontramos. Tendo desejo por aqueles que gostamos, procuramos ganhar acesso a eles, e tendo aversão pelas coisas que não gostamos, evitamos ter contato com elas. Esta pulsação de atração e aversão é tomada como sendo uma resposta válida para as qualidades atuais desses objetos. Assim, tudo o que encontramos se torna infectado pelas nossas atribuições e a nossa reação a essas entidades investidas é permeada pela nossa não-lucidez que elas são reflexos das nossas formações habituais e dos nossos sentimentos responsivos.

Ao agir e reagir, nossos hábitos e tendências são potencializados e isto nos leva a nascer em qualquer um dos seis reinos do samsara. Nossas atividades virtuosas atuais dão nascimento a vidas futuras nos três reinos superiores dos deuses, semi-deuses e humanos. Nossas ações não-virtuosas atuais dão-nos nascimentos futuros nos reinos dos animais, fantasmas famintos e infernos. Todas essas experiências são configurações do conteúdo da mente. Ainda que, sob o poder deludido da dualidade, vejamos objetos aparentemente "reais" que não outro que não nós, esta percepção equivocada e a conseqüente incompreensão é, em verdade, justo a diversidade dos dramas da dualidade encenados no teatro da não-lucidez. Os personagens e os acessórios nestes dramas se manifestam desde a ativa influência dos cinco venenos aflitivos: opacidade, desejo, aversão, orgulho e inveja.

A opacidade ou entorpecimento mental é a nossa inabilidade de ver através do véu da reificação. Vemos o irreal como real –justo como se estivéssemos dentro de um desenho animado. Acreditamos no inacreditável e isso nos inibe de acessar nosso potencial de discernir o saber espontâneo. O desejo está relacionado com o querer algo ou alguém que irá nos completar e nos preencher. É a expressão do profundo senso de falta. Algo está ausente e imaginamos que está localizado neste outro, momentaneamente brilhante. Infelizmente, o outro falha em realizar a tarefa para a qual foi designado. A comida não remove a fome para sempre. Amigos e amantes também trazem insatisfação. A resposta não está no outro – ainda que rejeitamos aceitar isto. A aversão é querer empurrar os outros para longe. Surge do sentimento de medo, ansiedade e da repugnância que podem ser mobilizados rapidamente na forma da raiva e da fúria. Nesta situação, o outro é experienciado como um excesso. Eles são demais, "Eu não posso lidar com isto. Vá embora." Ainda que, devido ao fato do nosso ser-ego ser um habitante do domínio da dualidade,

no qual sujeito e objeto nascem juntos, não podemos nos livrar do outro. O problema não repousa no outro – ainda que rejeitemos aceitar isto.

Orgulho surge do senso de superioridade. É a dignidade inflando-se em excesso. Eu sou diferente dos outros porque sou especial e inerentemente mais especial que os demais. Este movimento separativo usualmente demanda uma audiência que irá confirmar a minha superioridade – e esta necessidade de afirmação demonstra a sua ociosidade. O ciúme ou a inveja surge da perda do senso de ser especial, porque agora um outro alguém é o objeto de atenção e admiração que buscamos. Nossa falta carente é exposta à medida que as nossas tentativas de segurar aqueles que ansiamos se mostram inúteis. Somos postos de lado e ainda assim não podemos deixar ir. Não podemos existir isolados dos outros, nem podemos permanentemente nos fundir com o outro. Mesmo que tentamos bastante, não podemos encontrar a forma de seguir no comando e viver a vida de acordo com os nossos termos. Assim, sofreremos por obter o que não queremos e por não conseguir o que queremos.

QUAIS SÃO AS CONSEQUÊNCIAS DISSO? Nascimento e morte são a matriz da dualidade. Nos céus superiores e nos infernos, simplesmente aparecemos ali sem um processo de nascimento. Para os humanos, nossa entrada na vida começa com medo e confusão na medida em que rapidamente viajamos no estreitamento escuro. Isso dá espaço para a aparente realidade da união sexual do par que vai surgir como nossos pais. Somos chamados ao lugar da união e o potencial da nossa consciência sutil é infligido com desejo e aversão. Se há desejo por uma fêmea e aversão pelo macho, esta tendência conduzirá a um corpo masculino. Se há desejo pelo macho e aversão pela fêmea, esta tendência conduzirá a um corpo feminino. O desenvolvimento do feto se desdobrará na interação entre a consciência que se aproxima e as essências masculinas e femininas. Isto libera muitos processos dinâmicos à medida em que o corpo desenvolve um sistema complexo de comunicação tanto dentro de si mesmo e em relação ao corpo da mãe, como também desde aí com o mundo externo. A vida é movimento, atividade, interação, a contínua pulsação das batidas do coração, e com o nascimento isto se manifesta no ritmo contínuo da respiração. Somos movimento, co-emergentes nas nossas posturas, gestos, expressões e atividade envolvidos em ambientes sempre mutáveis. Somos viajantes em uma jornada que não entendemos. Precisamos deixar pessoas, lugares, objetos e hábitos que temos apego, e mergulhar no encontro com pessoas, lugares, objetos e hábitos que talvez tenhamos receios.

Os anos se passam à medida em que nos movemos na corrente do passado, presente e futuro. Agora ou mais tarde, nossa jornada termina na morte. Se a morte é lenta, por exemplo, se gradualmente você sucumbe a um câncer fatal, talvez você possa ter a oportunidade de se preparar. Por outro lado, se acontece repentinamente, como em um acidente de carro, então não há tempo de refletir sobre o que está acontecendo. Em ambos os casos, o sistema vivente corporalmente é desprovido da energia vital. Se a morte ocorre devagar, então as consciências dos cinco sentidos enfraquece e se funde com a nossa consciência mental, que é inundada com a s consciências das cinco aflições e do potencial da base. Todos os processos mentais que suportam a nossa expansão no mundo estão agora gentilmente desaparecendo e se fundindo em uma auto-reflexividade mental. Em paralelo a isto, os cinco elementos, terra, água, fogo, ar e espaço gradualmente perdem a sua diferenciação. O sutil elemento terra que está conectado com o elemento terra grosseiro manifestando-se como ossos e carne dissolve-se no sutil elemento água, resultando na sensação de densidade no corpo. O sutil elemento água conectado em sua forma grosseira com sangue, saliva, etc, dissolve-se no sutil elemento fogo resultando na sensação de sequeidão na boca. O sutil elemento fogo conectado com o calor do fígado dissolve-se no sutil elemento ar conectado à respiração. Finalmente, o sutil elemento ar dissolve-se no elemento espaço e a consciência mental que estava sendo apoiada pela respiração perde o seu apoio no corpo.

Agora, a consciência é a uma refugiada sem casa e precisa seguir viagem sozinha e sem amigos. Tudo o que suportava o senso de uma identidade pessoal é perdido. Tudo o que permanece é a convicção deludida de que você existe na condição de 'algo' junto do carma potencial latente que aguarda a situação oportuna para amadurecer. Ainda que o acesso ao seu corpo físico esteja perdido, nossa consciência se manifesta como um corpo residual mental tendo a forma do seu corpo prévio. Isto é como quando experienciamos nosso corpo dentro de um sonho. Ao deixar o bardo ou o período transitório da morte, entramos no bardo da atualidade, darmata. Esta é a abertura infinita da mente. Não é um objeto para a consciência e então se apenas tivermos acessado a nossa consciência dual durante o curso da nossa vida, vamos seguir inconscientes. Se, através da instrução e da prática, treinamos nos abrir para a lucidez intrínseca, então permanecemos relaxados e presentes com esta abertura infinita, livre da opacidade de entidades. Se isto ocorre, há a liberação no modo intrínseco, o darmakaya. Isto nos conduz para dentro da presença com a presença da nossa própria base, a base, a fundação que o momento original de não-lucidez não contempla. Retornamos à abertura a qual nunca fomos verdadeiramente separados. O primeiro pensamento de uma entidade substancial e todos os pensamentos subsequentes que levam ao surgimento do samsara não são outros que não a radiância da base. Assim, a radiância da fonte dá nascimento à confusão na medida em que a aparência insubstancial é tomada como aparências de substâncias. O intrínseco, a fonte, dá nascimento tanto a lucidez quanto a não-lucidez. Não é construído pela lucidez nem desfeito pela não-lucidez. Despertar é ver-se fonte na fonte e, através disso, ver que tudo o que ocorre é a intrínseca pura espontaneidade da fonte. Não há um erro vigente, não vem havendo erros, não vão haver erros uma vez que todos os 'erros' são auto-liberados na energia auto-liberada da fonte primordial. Despertar para isto é ser liberado no estado livre da morte.

Ao estar inconsciente, somos repentinamente cientes de luzes brilhantes, sons doces e deidades sorridentes como Tara e Chenrenzi acenando para nós. Se não tivemos experiência de tais figuras brilhantes, nos amedronta e caímos inconscientes mais uma vez. Se recebemos a iniciação e ensinamentos e nos engajamos nas práticas de deidade então sentimos que estamos entre amigos e que finalmente encontramos aqueles que ansiamos, as formas pacíficas que purificam o desejo. Com a nossa abertura alegre para eles, nos unimos a eles em seus corações e encontramos a liberação no modo da fruição, sambogakaya. Se nos tornamos inconscientes, acordamos diante de sons aterrorizantes, estridentes e as aparências horrorosas de criaturas ferozes com armas, caninos pontiagudos e olhos penetrantes. Estas são as deidades iradas que vem nos dar as boas vindas – mas sem uma conexão dármica prévia com elas, temos a predisposição a colapsar em terror e mais uma vez nos tornamos inconscientes. Se tivermos recebido a iniciação e praticado, então podemos abrir-nos para essas formas iradas que purificam a aversão e assim unir-nos no modo da fruição, sambogakaya.

Quando revivemos da nossa não-consciência, nos vemos em movimento. Estamos viajando suavemente através de vales, muralhas, etc, uma vez que estamos nos manifestando como um corpo ilusório que, gradualmente, toma a forma da nossa próxima incorporação. Se formos nascer como humanos, então nos tornamos conscientes de dois corpos unidos em união sexual como foi previamente descrito. Se temos fé, reconhecemos que, na verdade, este par é o nosso guru em união yab-yum. Eles são a presença da não-dualidade da sabedoria e da compaixão, e por entrar livremente em seu ponto de união sem as marcas do desejo e aversão, somos liberados no modo de aparição, o nirmanakaya.

POR QUE DEVERÍAMOS PRATICAR A TRANSFERÊNCIA INTENCIONAL, PHO-WA? Ainda que existam diversas oportunidades de liberação nas experiências pós-morte justo como descrevemos, há também muitas incertezas. Quando a mente deixa a sua incorporação prévia, há, usualmente um sentimento de desorientação uma vez que a segurança das formas familiares que confirmam a

nossa identidade é perdida. Quem somos? Se não sou mais a pessoa que costumava ser e se não tenho senso do que eu sou ou do que está acontecendo, então é fácil se sentir perdido, confuso e ansioso. Com o intuito de poupar-nos dos perigos e das incertezas do bardo, podemos focar em, conscientemente, dirigir a nossa mente na direção da terra pura onde a liberação é facilitada pela presença dos professores amorosos e bondosos como o Dharmakaya Buda Amitaba, o Sambogakaya Bodisatva Chenrenzi, ou o Nirmanakaya Guru Padmasambava.

A prática da transferência intencional é rápida e direta e por isso deve ser a nossa primeira escolha no momento da morte. Se não temos condições de engajar-nos com ela, então ainda temos a chance de ganhar a liberação através dos diversos estágios do buda porque, como diz o texto-chave, *“Contudo se isto (a transferência) não for possível para nós, então, quando eu e os outros estivermos deixando esta vida, imediatamente que a morte possa surgir como a clara luz Darmakaya, o bardo possa amadurecer como o Sambogakaya, e o nascimento como o Nirmanakaya, beneficiando todos os seres no samsara.”*

Na prática de transferência intencional, usamos o poder da nossa devoção para com a deidade – energizada pela nossa intenção de ganhar a liberação para trabalhar pelo benefício de todos os seres – como os meios hábeis através dos quais nós facilmente deixamos ir tudo o que nos ata ao renascimento no samsara. A devoção traz um foco prazeroso para a nossa vida. O que quer que aconteça, temos um senso forte de propósito: despertar para poder ajudar os outros a despertarem. Quando desenvolvemos equanimidade, não estamos mais a mercê dos humores do desejo e da aversão. Nossa equanimidade é baseada em não procurar valor último nos eventos transitórios desta vida. A terra pura, o campo búdico, está na palma da nossa mão, quando permitimos que o seu valor seja revelado. A distração, a dispersão e a reatividade mantêm-nos em movimento, virando-nos de um lado para o outro à medida em que tentamos apreender os objetos que parecem prometer-nos alguma completude. À medida que os anos passam, frequentemente nos desiludimos pelas limitações das pessoas e objetos em que acreditamos. Nos tornamos menos esperançosos e mais desesperançados, e este é um estado perigoso para se estar.

Contudo, com a reflexão talvez possamos, paradoxalmente, permitir-nos aprofundar a desilusão por ver que as formas cativantes deste mundo são ilusórias e não podem oferecer o que esperamos. Deixando ir a delusão no que diz respeito à ilusão, podemos reclamar de volta a energia, a alegria e a criatividade que projetamos nos objetos e trazer essas qualidades vivificadoras para o nosso caminho no Darma.

A delusão é a separação dualista que dá nascimento ao samsara e a todo o seu sofrimento. A saída disto repousa em ir na direção do ignorado, abrir-se para a inclusão e encontrar a união no coração do Buda. Unir-se ao reino do Buda, ou o corpo do Buda, ou o coração do Buda, são todas formas de despertar para a nossa não-diferenciação com o Buda. Mesmo o nosso corpo usual não é outro se não as emanções da mente búdica. Contudo, devido a nossas obscuridades cármicas e cognitivas, vemo-nos com dificuldade de entender, acreditar e manifestar. Portanto, para facilitar nosso despertar, os Budas manifestaram suas terras puras, onde os suportes são maximizados e as dificuldades, mínimas. Dewachen, o campo búdico de Amitaba, surge do poder do voto que ele fez quando formulou sua intenção bodisatva de ajudar todos os seres. Ele fez o voto de acumular uma vasta quantidade de mérito e sabedoria para gerar uma terra pura onde a felicidade tudo permeia. Isto é Dewachen, (*Skt. Sukhavati*), A Feliz. Sua emanção do coração Chenrezi, (*Skt. Avalokitesvara*), manifestou a terra pura de Potala. Cherenzi vê todo o sofrimento do mundo e foi tão tocado e comovido pelo que ele viu que fez surgir, o Nascido do Lótus, a Fonte Lótus.

QUEM É PADMASAMBAVA? Padmasambava significa ‘surgindo de um lótus’ e neste livro ele é referido tanto como o Nascido do Lótus como a Fonte do Lótus. A flor de lótus é um símbolo de pureza e a suprema pureza é a pureza intrínseca da mente aberta imaculada desde o tempo sem

princípio. Emergindo da pureza da mente em si mesma, a forma de aparição de Padmasambhava é pura aparência vazia. Ele não é uma pessoa, um ser senciente, uma entidade. Ele é a radiância das cinco cores, a luz de conexão brincante do amor do Buda. Como se diz no texto *DROWA KUNDROL*, “HRI. Do centro do coração de Cherenzi, luzes de cinco cores fluem no oceano, revelando o Nimanakaya de aparição, livre de causas e condições, o ser incrível nascido de um lótus. Padmasambhava, por favor, venha aqui!”

A letra HRI é a sílaba-semente tanto de Amitaba quanto de Cherenzi e está presente no coração de Cherenzi. Vermelha em cor, é o potencial criativo revelado pela purificação do desejo. Nessa condição, é a semente germinativa da Família Lótus, uma das cinco famílias búdicas. Dela, raios de luz branco, vermelho, azul, amarelo e verde brilham e fluem em uma corrente para o lago Danakosha, onde manifestam um lótus no qual está a forma de Padmasambhava como um garoto de oito anos de idade. Não há causas ou condições específicas que fazem com que ele tenha surgido uma vez que ele é a exibição espontânea da compaixão não-dual do Buda. Ele é a pureza nascida da pureza. É claro que ele não é verdadeiramente nascido uma vez que ele é sem princípio ou fim. Toda a aparência é não-nascida, estando inseparável da vacuidade e portanto livre da mácula da delusão de uma existência inerente. Com o intuito de trazer uma verdade viva para esta frase no coração dos seres de sofrimento, Padmasambhava manifestou-se como a direta e espontânea presença de aparência e vacuidade, som e vacuidade, lucidez e vacuidade. Esta pureza não-nascida livre de esforços purifica a delusão de nascimento e morte. Padmasambhava está sempre presente em todos os lugares e é livre de ir e vir. Contudo, para criaturas acinzentadas como nós, que estamos cegos para a integridade não-dual, ele criou essa forma compassiva disponível para conexão. Podemos convidá-lo para vir aqui e revelar a sua não-dualidade, então o texto abaixo diz, “Por favor venha aqui!” Nós também podemos ir até ele, viajando nos raios de luz para encontrá-lo no Palácio da Luz de Lótus. Essa é a prática da transferência intencional que todos os textos neste livro estão apontando.

O texto se inicia na página XX (27) com uma introdutória *PRECE AO BUDA SAKYAMUNI*, o Buda do nosso período presente, aquele que girou a roda do Darma e permanece girando-a para benefício dos seres sencientes. O sábio real dos Sakyas, ele é a fonte principal do Darma no nosso tempo e por isso é o foco da nossa gratidão sem fim. Quando há longos períodos quando mesmo o nome do Buda não é ouvido, então a escuridão da ignorância se densifica e os seres, em sua perdição não em busca da falsa luz das entidades, cobertos de ânsia. Desse modo, com essa prece, celebramos nossa boa fortuna em termos ainda as condições de nos beneficiarmos deste ensinamento e de suas bênçãos.

A seguir, na página 28, temos *OFERECENDO SAUDAÇÃO E LOUVOR A PADMASAMBAVA*, que é conhecido como o segundo Buda. Quando recitamos estes versos, estamos ativando fazendo a conexão com Padmasambhava. Estamos nos aproximando dele e convidando-o a se aproximar de nós. Nossas preces não estão expressando uma esperança vaga que ele irá responder, mas são o método testado e aprovado de ativar o voto de que ele jamais vai abandonar aqueles que o chamam. No nosso caminho de principiantes, tomamos os Votos de Bodisatva e prometemos que nesta e em todas as vidas futuras iremos ajudar os seres. Porém, nos cansamos, nos distraímos, esquecemos e retornamos ao nosso auto-foco habitual. Padmasambhava é livre dessa falta de instabilidade. Ele é a palavra vajra, o voto cheio de força e inabalável na direção daqueles que vão na direção dele. Nós o esquecemos, ele não nos esquece. Dizemos essas palavras para lembrar-nos da sua contínua presença e disponibilidade. Suas palavras são profundas, apontando os três modos iluminados, que são o nosso potencial. .

A seção termina com *A PRECE DE SETE LINHAS*, a certa e precisa evocação do Nascido do Lótus. Tradicionalmente, recitamos três vezes: a primeira para chamá-lo, a segunda para saudá-lo com

boas vindas, e a terceira para receber suas bênçãos e unir-nos. Ele se manifesta com o intuito de retornar-nos a nós mesmos. Maior a devoção, maior a facilidade com a qual os obstáculos e obscuridades irão dissolver de modo que ao vê-lo, vemos a nós mesmos.

A ASPIRAÇÃO DO NÓ VAJRA na página 34 é um breve resumo do caminho enfatizando nosso desejo de nunca estarmos separados do Dharma. O quarto stanza aponta o coração da nossa prática tântrica: o que quer que apareça é sempre inseparável da sempre mutável teia da ilusão. Todos os sons são o som do mantra inapreensível. Os movimentos da nossa mente são, na verdade, nossa lucidez não criada. Que possamos abrir-nos completamente para a felicidade infinita que não é nem conquistada nem perdida. Quanto mais podermos recitar essas palavras preciosas escritas pelo grande Minling Terchen, mais os aspectos colaborativos recíprocos de todas as nossas práticas se torna claro. Através dessa aspiração, a bênção do caminho é absorvida através do nosso corpo, fala e mente, preparando-nos para encontrar o Nascido do Lótus.

Na página 40 encontramos a *A PRECE DE ASPIRAÇÃO QUE É UMA JÓIA QUE REALIZA DESEJOS*. Este é um terma-tesouro enunciado por Padmasambhava, escondido, e depois revelado por Rigdzin Godem. Começa com uma confissão dos erros que fizemos durante nossa prática. Quando você a recita, você pode adicionar outros erros que você está consciente em su prática. A raiz das muitas diferentes formas as quais podemos não cumprir a nossa intenção de praticar corretamente está descrita no sétimo stanza: *“Eu e todos os seres sencientes sem exceção desde o princípio desse grande aeon até agora somos levados pelo atividade cármica de agarrar as aparências como se elas fossem entidades substanciais. Devido a isto ficamos sob o jugo dos cinco venenos, quebramos nossos votos e insultamos o Dharma. Humildemente confessamos essas ações que se tornaram obstáculos a nossa liberação.”* Todo o mérito e demérito surgem da orientação da nossa mente. Uma vez que damos as costas ao que é atual, a delusão corrompe nossa intenção como esgoto lançado dentro de um rio. Até que sejamos completamente iluminados, precisamos estar vigilantes em purificar os erros e marcas surgidos da reificação e do apego. Então, na condição de Budas, a purificação de todos será nossa atividade incessante. Que possamos ganhar o mérito e a sabedoria que irá nos permitir beneficiar os outros pela nossa mera presença, assim como Padmasambhava é capaz de fazê-lo.

Conclui-se com a aspiração de que purifiquemos os cinco venenos de modo que as suas verdadeiras qualidades de grande felicidade, grande amor, domínio benigno, grande paz e atividade benéfica se tornem espontaneamente aparentes. Por frequentemente recitarmos essa prece, mergulhamos dentro da tradição tântrica budista e assim relaxamos nossa estrutura egóica auto-centrada de modo que nos tornamos sensíveis, prestativos e com resposta empática à serviço dos outros.

O SUTRA DA HISTÓRIA DA LÂMPARINA DO REI MÃO DOURADA E SUA ASPIRAÇÃO na página 63 oferece uma indicação do poder do sacrifício. No momento presente, ‘Eu primeiro!’ é um grito popular, seja se referendo a uma pessoa, um gênero, um país ou uma espécie: se o sofrimento e a dificuldade precisam acontecer, que aconteça para os outros! Este sutra conta sobre uma profunda intenção altruísta sendo empoderada por um ato de auto-sacrifício. Muitas religiões têm suas histórias demonstrando o preço de colocar o outro primeiro. Elas podem parecer bizarras ou mesmo perversas em nossas culturas egóicas auto-indulgentes. Contudo, tomar o sofrimento com o intuito de libertar para os outros e abrir mão de seu mérito, prazer e liberdade para que os outros possam realmente prosperar é a chave da prática de tonglen. Neste sentido, vamos além da sintonia empática para, verdadeiramente, expor-nos com vontade ao sofrimento que os outros estão suportando. Ao tomar isto sobre nós mesmos, descobrimos que precisamos estar aterrados na presença da vacuidade se queremos viver o que as nossas palavras estão dizendo. O mérito gerado pelo sacrifício nesta história brilha como a luz de uma vasta lâmpada ilumina toda a escuridão nos lugares mais desolados onde os seres habitam.

O sutra é frequentemente recitado em cerimônias fúnebres como uma forma de gerar grande mérito de modo que possa ser oferecido em benefício do falecido. É um encorajamento para que não esqueçamos ou abandonemos os fracos, os necessitados, os vulneráveis. É particularmente importante se vamos realizar a transferência intencional para alguém que acabou de morrer.

Na página 83 temos *A ASPIRAÇÃO DO PURO DISCERNIMENTO* escrita pelo falecido Dudjom Rinpoche, Jigdral Yeshe Dorje. Ele a transmitiu em um curto ensinamento de retiros na França e eu a traduzi naquele momento. É muito terna, profunda e enriquecedora, e surgiu, ele nos disse, a partir de uma visão de Padmasambhava. Falando desde o coração, ela aponta para as várias formas que enganamos a nós mesmos e abandonamos as ideias mais elevadas. Ao invés de calmamente examinar a nossa preguiça e hesitação, procuramos o prazer tóxico de julgar os outros e procurar suas faltas. Nossa pretensão, nossas máscaras e desonestidade são as formas pelas quais enganamos os outros e a nós mesmos. Ao perceber isto, com vergonha e medo, precisamos fazer a confissão: *“das profundezas do nosso coração.”* Precisamos abandonar nossa confiança nas bugigangas deste mundo e então nos mover na direção da luz do Dharma brilhando no coração do guru. Precisamos de ajuda porque não podemos encontrar o caminho verdadeiro por nossa própria conta então rezamos ao Guru na forma de Guru Rinpoche, *“Nos mostre nossa mente como ela é!”* Focando no fluxo incessante da distração com a intensidade da nossa devoção, pedimos ao Guru que nos abençoe de modo que nunca nos desviemos do Dharma verdadeiro, *“Por favor, nos abençoe de modo que entremos no saber original não-dual.”* A humildade é a nossa grande amiga porque ela limpa o espelho de modo que, inicialmente as nossas faltas sejam claramente reveladas a nós. Então, o espelho mostra a natureza ilusória de todos os reflexos, interpretações e construções. Finalmente, o espelho nos mostra a nossa própria lucidez que é como o próprio espelho, sempre-vazio, sempre-cheio, sempre-brilhante.

A página 107 oferece-nos um convite, *SE VOCÊ DESEJA PURIFICAR SEUS PECADOS E OBSCURIDADES*. Bem, nós queremos? Esta é a uma prática tântrica de purificação na qual as obscuridades incidentais surgidas das tendências cármicas e crenças equivocadas podem ser completamente purificados da nossa mente. A prática se sustenta em acreditarmos completamente no poder de Padmasambhava. Ele e sua consorte, a dakini de cor branca, são a presença atual da completa pureza. Ao confiarmos neles, ativamos nosso coração da visão não-dual: a pureza intrínseca nunca pode ser contaminada e todas as obscuridades aparentes são ilusões sem o menor sinal de existência. Recitando esta versão da prece de Sete Linhas, a verdade da pureza bane a delusão da impureza. O elixir liberador surgido da dissolução do demônio do ego flui dentro de nós desde a união de sabedoria e compaixão e limpa todas as faltas, máculas limitações, etc. Somos liberados pela eficácia dos quatro poderes: o objeto puro; nosso reconhecimento da nossa errância; nosso arrependimento e pesar; nosso compromisso de nunca errar de novo. Então, o Guru e sua consorte se unem a mim e eu me torno inseparável de sua claridade não-obstruída, a não-dualidade de lucidez e vacuidade. Descansando na abertura semelhante a um céu, não há sequer um só átomo de existência no qual a delusão pode se formar. Tudo o que surge está dentro da mandala infinita do Guru e assim não importa o que ocorra, não desviemos da pureza primordial. Com isto, nossa confiança de que podemos transferir nossa mente para o coração de Padmasambhava é fortalecida e simplificada pela experiência direta.

A PRECE QUE ESPONTANEAMENTE REALIZA NOSSOS DESEJOS na página 113 é uma prece através da qual as bênçãos de Padmasambhava é ativada e evocada com o intuito de lidar com as muitas provocações que podem surgir. Ela começa com o Buda Amitaba manifestando sua bênção na forma de Guru Rinpoche, que, presente neste mundo, atua diretamente para beneficiar os seres. Ele vem com a intenção de ajudar-nos, ele fez o voto de ajudar, e então devemos confiar em sua ajuda sem dúvidas ou hesitação. Ele oferece a sua assistência compassiva gratuitamente – é para nós, e não precisamos conquistar ou fazer por merecer para isso. Isto é fantástico. Justo porque ele

é, e nos dirigimos a ele, toda a ajuda que precisamos está livremente disponível. Isto é devido a nossa pureza intrínseca, a pureza que está frequentemente escondida para nós mas que é óbvia para o Grande Guru. Ele está se relacionando conosco tal como somos e se nos abrimos a ele, o véu da nossa delusão irá se desmanchar como a névoa na luz da manhã. A devoção, a fé, a confiança – à medida que isso cresce, nossa lealdade às nossas limitações perde seu poder sobre nós.

Como o quarto verso nos lembra, Padmasambava vem a cada manhã e cada anoitecer, *“montando em raios radiantes do sol nascente e sol poente.”* Ele vem de sua terra pura na Luz de Lótus, e vem como luz, para trazer luz para nós e nos mostrar a atualidade de que toda a aparência é luz – luz e som, energia como pulsação. O refrão de cada verso é, *“Padmasambava de Urgyen, rezamos a você – por favor, nos abençoe para que nossos desejos sejam realizados sem esforço.”* Expressamos o desejo e, a vibração que surge como resposta, o realiza. Nossa vida é uma conversação. Quando conversamos com o Precioso Guru, há o frescor imediato do ir e vir. É o monótono monólogo do ego isolado que perde a batida, que não pode encontrar o ritmo e que apenas segue indo e indo dançando um tom triste e solitário.

Com grande presciência, Padmasambhava anteviu as várias invasões do Tibet quando importantes centros de Dharma seriam destruídos. Nesses momentos, *“Devemos rezar sem dúvida ou incerteza.”* Dar espaço a desesperança é auto-destrutivo. Confiar na esperança maníaca de que alguém irá nos resgatar é desempoderador. Devemos rezar, entrar nas profundezas da prática e focar toda a nossa atenção na liberação da delusão da reificação. Ao invés de procurar apenas material baseado em evidências científicas para lidar com novas doenças, devemos também rezar e dissolver o enganoso nexos da dualidade que dá nascimento a todos os diversos obstáculos que encontramos. Os cinco elementos estão conectados com a mente através do corpo – corpo-mente não são dois domínios separados. A materialidade, primariamente o elemento terra, não é a base da mente; ao contrário, é a mente que dá nascimento ao jogo dos elementos que surgem como a nossa materialidade ilusória.

Quaisquer dificuldades e intempéries que surjam, seja como opressores humanos, mudança climática, animais ferozes, etc, devemos focar na prática e não dispersar nossa energia por procurar aqui e ali por antídotos quando o verdadeiro antídoto já está conosco – a verdade atual da nossa mente em si mesma. Mais do que isso, à medida que a morte se aproxima, se focamos em Padmasambava, seremos guiados para Dewachen, Potala ou a Luz de Lótus Zangdopdari, onde vamos nos acomodar no coração de um dos modos inseparáveis da Família Lótus. Se volte para a luz! Se volte para a luz e tudo o mais irá se dissolver como meras sombras atingidas pelos raios solares. Esta prece, como a seguinte, é dita diretamente por Guru Rinpoche para os seus vinte e cinco discípulos mais próximos. Ele deixou essas preces como parte do seu legado vivo, sua presença em uma forma relacionável, seu convite contínuo para que estejamos com ele e tê-lo sempre conosco. Eles podem ser encontradas juntas com as outras profundas preces de conexão no livro *OS SETE CAPÍTULOS DA PRECE DE PADMASAMBHAVA* traduzido por Chimed Rigdzin Rinpoche e James Low (wandel verlag, Berlim, 2010).

Conectada com a prece anterior, na página 134, encontramos *A PRECE QUE IMEDIATAMENTE REMOVE TODOS OS OBSTÁCULOS*. Aqui Padmasambhava aparece em uma forma semi-irada manifestando o poder e autoridade para interromper os demônios que causam problemas. Ele os invoca na direção dele para domá-los em suas tendências selvagens e perturbadoras. É vital lembrar que não há demônios reais ou existentes, há apenas energia. Esta é a energia da base, da fonte, da vacuidade. Se ela é vista, isto é quiescente. Se não é visto claramente, isto absorve nossas esperanças e medos e este entrelaçamento manifesta-se como as formas e situações que nos aterrorizam. Toda ‘coisa’, incluindo nós mesmos, está dentro do todo, o jogo infinito da claridade. Ao perdemos esta compreensão, estamos à mercê das esperanças e medos surgidas da visão cármica dual.

Cada verso tem o mesmo refrão oferecendo palavras de conexão, fé e conforto. “Com a sua compaixão, por favor nos abençoe! Nos guie para a salvação com o seu amor cuidadoso! Conceda-nos realizações com a sua presença! Remova nossos obstáculos com o seu poder! Resolva os obstáculos onde eles estão! Resolva os obstáculos sutis na vacuidade! Nos prostramos com devoção e tomamos refúgio em você! Guru Padmasambhava, com o seu corpo, fala e mente indestrutível – por favor, garanta-nos a conquista da budeidade!” A prece pontua as grandes atividades realizadas pelo Nascido do Lótus. Ao lembrar as suas grandes qualidades e, especialmente, a sua habilidade de manter a sua palavra e cumprir os seus compromissos isso nos dá a confiança de que, nesta vista, e, em particular no momento da nossa transferência ou da nossa morte, ele vai estar conosco guiando-nos na sua direção. Como foi dito anteriormente, os períodos justo antes, durante e depois da morte são momentos de grande vulnerabilidade. A situação externa muda rapidamente e isto traz reações intensas no nosso fluxo mental. Esta turbulência externa e a agitação interna são como um ímã para muitos tipos diferentes de demônios. Eles são as formas inquietas e inquietantes de energia que procuram perturbação como alimento. Logo, esta prece enfatiza a importância de não se colocar sob o poder da agitação e do medo. Melhor, nos movemos na direção do Precioso Guru e nos agarrar a sua presença segura. Este poder é suficiente de modo que devemos evitar dispersar o nosso foco e unificar nossa mente com a dele. O ponto chave é a devoção não-distraída – de modo que mesmo que a prece esteja mencionando eventos com os quais não temos familiaridade, devemos confiar no espírito dessas doces palavras e abrir-nos para Padmasambhava, a aparição da nossa própria pureza intrínseca.

A *PRECE QUE RAPIDAMENTE REALIZA NOSSOS DESEJOS* na página 166 também foi escrita por Dudjom Rinpoche. Ela segue com a nossa prática de chamar Padmasambhava para nos ajudar. Nosso poder não é suficiente. Quando experienciamos a nós mesmos como seres sencientes vagando no samsara parece óbvio que somos fracos e limitados. Logo, se caímos dentro desta identidade deludida é vital convidar o Nascido do Lótus uma vez que ele é a presença da nossa verdadeira atualidade. Na nossa condição dual limitante, nós o chamamos, ainda que nunca tenhamos sido verdadeiramente separados. Ele nos convida a unir-nos com ele como um caminho rápido de despertar-nos para a nossa própria presença atual.

No fim da prece, há um verso honrando a mãe de todos os Budas. Esta mãe se manifesta de várias formas e ela é identificada como Prajnaparamita, a presença da sabedoria da vacuidade, destacando-se como a mãe de todos os Budas do passado. Ela também se manifesta como a dakini Vidyadhari, a presença da lucidez – e nessa condição ela é a mãe que dá nascimento aos Budas do presente. Ela também se manifesta como a dakini Maha Karma Indrani que gera os Budas do futuro. Foi ela quem engoliu Padmasambhava e deu a ele a iniciação à medida que ele passou pelo seu corpo, através da sua vagina. Ainda que Padmasambhava é frequentemente representado sozinho, ele, na verdade, nunca é separado de sua contraparte feminina. Simbolicamente, o feminino é o espaço enquanto o masculino é a manifestação como lucidez, clareza, expressão. Eles são não-duais dentro da grande completude – a inseparabilidade do implícito e do explícito.

Na página 172 temos *A PRECE DA BIOGRAFIA IMACULADA* que foi escrita pelo Terton Nyima Ozer. Mais uma vez vemos os eventos principais na história de Padmasambhava, encorajando-nos a amadurecer a nossa confiança de modo que a ponte de arco-íris entre o nosso coração e o dele irá se manifestar. Aí poderemos relaxar na certeza de que a nossa liberação está assegurada. Padmasambhava não é nem um nem muitos. Ele não é um porque não pode ser definido por conceitos e está além de totalização. Ele não é muitos, uma vez que as suas diversas manifestações todas possuem a mesma atualidade inapreensível. Ele não é um objeto de pensamento, sendo ele mesmo a base do pensamento. Não-nascido e imparável, o encontramos quando desistimos de procurar. Ele é tudo o que vemos, ainda que não vemos. Portanto, o único caminho é a confiança, confiança infinita através da qual relaxamos, soltamos e descobrimo-nos onde verdadeiramente estamos.

Esta prece oferece-nos uma peregrinação para os lugares que se tornaram sagrados pela presença do Guru Precioso. Recitando e colocando nossa fé, podemos ser tocados por estes eventos de muito tempo que ainda ressoam. À medida que essa história se revela, podemos ser inspirados por ela, respirando-a através da nossa recitação. A partir do espaço da mente de Padmasambhava, semelhante ao céu, o vento cálido de sua compaixão flui para dentro de nós, revitalizando nosso coração, energia e espírito. Abrindo, recebendo, respondendo – a exibição dinâmica de sua generosidade e a nossa gratidão geram a clareza do nosso caminho.

Se vivemos em sociedades modernas, há provavelmente poucos símbolos do Dharma no nosso mundo – nenhuma estupa, rodas de oração, templos, muro de orações, lugares sagrados, etc. Portanto, é vital que acendamos a nossa própria lâmpada do Dharma a partir da flama da tradição de modo que encontremos a iluminação onde quer que estejamos.

Ao ter recitado os versos da prece, focamos no Precioso Guru, o qual sentimos e visualizamos à nossa frente. Ele está aqui olhando para nós com seus olhos bondosos, sorrindo. Recitamos seu mantra OM Aa HUNG BENZA GURU PEMA SIDDHI HUNG tantas vezes quantas sejam possíveis, experienciando a dissolução de quaisquer obstáculos que existam entre nós. Assim, neste estado de clareza aberta, recebemos suas bênçãos. Das letras OM em sua testa, Aa na sua garganta e HUNG no seu coração, raios de luz, branco, vermelho e azul, irradiam-se e fundem-se nos nossos três centros. Isto nos empodera a entrar na prática, purifica nossas obscuridades aflitivas e cognitivas de modo que nos tornamos recipientes efetivos para as práticas não-duais da linhagem. Devido a isto, nosso corpo se torna simplesmente um corpo radiante de luz, livre de toda a substanciação. Então, eu me uno ao corpo de luz do Guru de modo que nos tornamos inseparáveis, e todos os traços de minhas prévias limitações desaparecem. Com isto, eu vejo a minha própria face original, o darmakaya além dos conceitos. Esta é a liberação dentro e na condição do intrínseco.

PURO LÓTUS BRANCO, A VIDA DO NASCIDO DO LÓTUS DE ODDIYANA na página 197 é um termo revelado por Sera Khandro, apenas 100 anos atrás. É muito conciso, charmoso, uma biografia lírica de Padmasambhava, escondida no momento em que ele estava deixando o Tibet. O texto nos oferece a ideia do impacto que Guru Rinpoche teve naqueles que o encontraram e vemos como ele respondeu às mais variadas situações. Ele não estava agindo a partir de uma visão enrijecida ou um livro de regras, mas sim respondendo espontaneamente, oferecendo o maior benefício a partir da mínima intervenção. Ele não se acomodou em um único lugar, mas viajou amplamente, aprendendo, ensinando e expondo a si mesmo às situações imprevisíveis. Através disto, ele demonstrou sua flexibilidade, curiosidade e criatividade. Ele estava com disposição e feliz a responder às necessidades que encontrava, mas se não houvesse interesse ou entusiasmo no puro Dharma, ele não demonstrava desejo de oferecer mais tempo e energia para aqueles que preferiam cultivar seus obscurecimentos – veja o Capítulo 9 de sua biografia. Ensinar e transmitir são uma rua de duas mãos; é preciso haver o desejo de ensinar e o desejo de aprender. A co-emergência destes dois fatores reflete a não-dualidade da visão.

Na página 223 temos a prece do Quinto Dalai Lama, *A GRANDE NUVEM DE BÊNÇÃOS*, na qual vemos as muitas manifestações de Padmasambhava sendo nomeadas e descritas. Ele é invocado como o cumpridor de todas as esperanças de seus devotos e é convidado a vir em pessoa de sua terra pura em Zangopalri junto com o seu círculo interno de dakinis e heróis. Precisamos de você aqui, por isso, *“Mostre a aparência de seu corpo claro e brilhante para os nossos olhos! Envie o som dárnico da sua doce fala para os nossos ouvidos! Permita que a bênção da sua mente relaxada e gentil se funda com os nossos corações! Toque-nos com a sua grande bênção! Por favor, conceda-nos as quatro iniciações!”* Então, nós solicitamos a ele que nos proteja do amadurecimento das nossas próprias más ações. Isto não pode ser feito apenas com intenção; a própria raiz desse amadurecimento precisa ser feita na vacuidade

de modo que ambas as formas de sujeito e objeto sejam auto-liberadas. Assim, chamamos Padmasambhava para lembrar da sua promessa e agir agora quando a nossa necessidade é tão grande.

IMPLORANDO À PADMASAMBHAVA na página 236 é uma outra prece de Dudjom Rinpoche, na qual mais uma vez vemos um apelo fervoroso do coração. Devido ao amadurecimento das más ações, as forças demoníacas da intolerância, preconceito, exploração, etc, aumentam e se espalham em todos os lugares. Nós precisamos da proteção de Padmasambhava e de seus ensinamentos, incorporando vividamente sabedoria e compaixão onde encontramos egoísmo, falta de caráter, e aqueles que maculam o verdadeiro caminho da liberação e seus seguidores. Mais do que isso, também somos armadilhados pela hipocrisia, auto-engano e por negar que os nossos problemas não se dão pelo amadurecimento do nosso próprio carma negativo. Nossa alegria é superficial, e somos impregnados pela tristeza e falta de esperança – precisamos de você! Você deve agir e colocar todas as forças negativas sob seu poder e dissolver todos os problemas em sua própria base. Garanta-nos o poder de agir para benefício de todos. Dudjom Rinpoche dá voz aos problemas do nosso coração com muita precisão. Ele escreveu esta prece em resposta à invasão do Tibet e as consequentes perdas de liberdade que o povo tibetano sofreu. Tristemente, tais horrores manifestam-se pelo mundo À medida que a cultura dos povos tradicionais é desenraizada, que florestas e habitats são destruídos, que espécies são extintas e as armas multiplicam-se em sua mortandade e disponibilidade. Se vemos claramente, iremos ver essas crescentes ondas de desastre correndo na nossa direção. Agora é o momento da prática e de fortalecer o nosso compromisso de agir em benefício de todos os seres, incluindo aqueles que machucam e causam dano.

Na página 244, temos um breve texto de louvor, chamado *O PRECIOSO GURU DE ODDIYANA*. Com isto, nos movemos de tomar refúgio para desenvolver o desejo de alcançar a iluminação para ajudar os outros e assim acumulamos mérito através da Prática dos Sete Ramos. Assim, diretamente nos dirigimos a Padmasambhava e o chamamos utilizando a Prece de Sete Linhas. Tendo estabelecido nossa certeza da presença dele, relembramos das suas qualidades através dos signos e símbolos que ele exhibe. Isto nos dá um senso mais profundo e rico de como todas as visões e caminhos dárnicos estão presentes nele e em sua própria condição. Isto funciona como uma preparação para o próximo texto que é uma sadana tântrica breve ainda que completa do Guru.

A PRÁTICA FONTE DO LÓTUS na página 259 convida-nos a nos abrir para uma breve forma da prática revelada como terma pelo primeiro Khordong Terchen Rinpoche, Nuden Dorje Drophan Lingpa Drolo Tsal. Este é um método muito efetivo de ver a si mesmo no estado atual de Padmasambhava. Foi preparada de acordo com as instruções do quarto Khordong Terchen, Chimed Rigdzin. Os completos benefícios da prática apenas serão revelados se a iniciação que amadurece for recebida de acordo com a linhagem. Contudo, Chimed Rigdzin me disse muitas vezes que a fé é o elemento mais importante da iniciação e que se as pessoas tem um bom coração e uma intenção clara de praticar ainda que não tenham condições de receber a iniciação, elas devem ser apoiadas em seu desejo. Esse é o motivo desta prática e a transferência intencional, na página 337, estarem sendo oferecidas aqui.

Uma gravação da completa explicação desse texto está disponível em www.simplybeing.co.uk. Os detalhes são importantes uma vez que necessitamos absorver a prática tal como foi revelada e não misturá-la com as nossas próprias projeções e interpretações. A pura intenção, o desejo de liberar todos os seres, é o verdadeiro coração da prática e este texto nos mostra como manter a clareza quando nos levantamos da almofada de meditação para nos relacionar com os outros em toda a complexidade de nossa vida social juntos. Não há um evento ou circunstância que não possa ser integrada com a prática. O que quer que surja é o caminho.

ASPIRAÇÃO POR ZANGDOPALRI, na página 293, é o primeiro dos textos descrevendo com detalhes a Montanha Colorida de Cobre (Zangdopalri) para onde Padmasambhava partiu quando deixou o Tibet. Nesta montanha, está a sua mandala, o palácio da Luz de Lótus, onde ele vive cercado pelos canibais rakshasa, os quais ele, gradualmente, civilizou. De acordo com a tradição, ele deixou o Tibet montado em um cavalo mágico e rapidamente cruzou as distâncias até a Ilha de Camaradvipa cuja forma externa é o Sri Lanka. Naquele tempo, a ilha era dominada por um rei vil, que encorajava seus súditos a serem cruéis e egoístas. Ele tem muitas semelhanças com Ravana, o rei demônio do Sri Lanka cujas batalhadas com Ram e Lakshman estão detalhadas no texto hindu, o Ramayana. Quando Padmasambhava chegou ali, ele secretamente entrou no palácio e com seu corpo de luz se fundiu com a forma adormecida do rei dos canibais. Ele ejetou a consciência do rei para um lugar onde ele pudesse realmente progredir até a iluminação. Na manhã, o rei demônio despertou – um rei demônio habitado pela pura lucidez de Padmasambhava. As pessoas locais não detectaram nenhuma diferença. Contudo, lenta e cuidadosamente, o Guru mudou o comportamento prévio manifestado por esta forma demoníaca. Os súditos gradualmente se ajustaram ao rei sem saber que estavam fazendo. Através deste método sutil, Guru Rinpoche trouxe paz e prosperidade para todos os habitantes de Camaradvipa e ali ele permanece até hoje, ainda que suas muitas emanações possam ser encontradas em todas as terras, levando a cabo o trabalho da liberação, ainda que habilmente e fazendo surgir a mínima resistência.

A prece descreve como é o palácio do Precioso Guru. É uma ilha plana circundada por lagos e outras ilhas. Muito bonita em sua aparência, cada planta, cada forma é agradável aos sentidos e causam relaxamento e deleite. A prece aponta para os aspectos agradáveis do palácio e cercanias, de modo que nos sintamos banhados em sua presença. À medida que lemos a prece, repetimos o refrão ao fim de cada stanza, “*Nós devemos renascer nesta terra de Luz de Lótus.*” O palácio é chamado de Luz de Lótus; o próprio Padmasambhava é a luz de Lótus, a radiância da pureza não-nascida; e Luz de Lótus também descreve a nossa atualidade, a não-dualidade da pureza primordial e da presença instantânea. Assim, que possamos despertar ao nascer ali, por estarmos pertos e inseparáveis de Padmasambhava, por estarmos incluídos na inseparabilidade da pura abertura e da exibição não-nascida incessante. Todos os fatores que facilitam o despertar estão presentes ali e todos os impedimentos se tornam inefetivos. Somos acolhidos, incluídos e apoiados no nosso caminho que agora é tão mais fácil. Isto é porque, na morte, a opção de fazer uma transferência intencional da nossa lucidez para o supremo palácio é tão importante. Vamos olhar essa prática brevemente em detalhes.

Seguimos, na página 315, com *UMA DESCRIÇÃO DE ZANGDOPALRI* que traz uma descrição similar do palácio, ainda que um pouco diferente. Começa descrevendo como a abertura infinita da fonte darmadatu manifesta-se através das vaginas das consortes das Cinco Famílias Búdicas, os cinco elementos dando nascimento a Zangdopalri. Assim, a lucidez darmakaya revela a criatividade sambogakaya que emana a colaboração nirmanakaya dos cinco elementos. A Montanha Cor de Cobre manifesta-se diretamente da mente do Buda como uma ilha que é auto-existente e que tudo permeia. Zangdoplari é simultaneamente o sul da Índia e todos os lugares. Como você vê depende se você tem os olhos do coração ou os olhos do intelecto. O coração do demoníaco devorador-da-mãe, Matram Rudra caiu aqui depois que ele foi morto pela energia de Hayagriva, cuja parceira, Vajravarahi, abençoou a ilha como um lugar feliz para as dakinis e as deusas-mãe. Bonito de ser contemplado, charmoso em todos os sentidos, este é o lugar onde a iluminação é fácil. Não é um campo búdico distante como Dewachen, está presente aqui na dimensão desta Terra como um lugar nirmanakaya puro.

Aqui reside Padamsambava, na forma do Vajra Nascido do Lótus, esplêndido e impressionante, com o poder de mudar de aparência de acordo com a necessidade daqueles que vêm até ele.

Sorridente, sua voz é ressonante e acolhedora, à medida em que ele manifesta diversas emanções para realizarem sua atividade compassiva. Ele é circundado pelas mandalas das deidades das Oito Grandes Práticas, junto com oceanos de deidades, dakinis, mensageiros, entre outros. Tudo que é necessário para o despertar está facilmente disponível aqui nesta terra de purificação e alegria. Não há um lugar melhor para estar, logo, se vamos praticar a transferência intencional e temos completa devoção em Guru Rinpoche, deveríamos recitar esta prece uma vez após a outra até que estejamos convencidos de que este é o único destino ansiado quando nossa consciência deixar nosso corpo. Rezamos ao Guru com a Prece de Sete Linhas, repetindo-a seguidas vezes e assim recitamos os versos que o convidam a verdadeiramente vir até nós, preparando o caminho para que possamos ir na direção dele. Como é bom poder ser bem recebido por este guru dançante, com ritmos e melodias que põe o mundo em movimento! Todas as crenças fixas em entidades reais dissolvem-se à medida que a sua caravana de luz se aproxima mais e mais. Pedimos a ele que nos segure próximos, remova todos os obstáculos e abençoe-nos com a liberdade do oceano do samsara. Através do poder desta prece, que Padmasambhava ofereceu a sua consorte Yeshe Tsogyal, para que a tristeza de sua despedida pudesse ser suavizada, também ganhamos o conforto e a confiança de que nunca nos separaremos dele. Agora estamos prontos para voar até ele...

Na página 337 temos a prática de transferência intencional intitulada *NA SUA PRÓPRIA MÃO: AS PROFUNDAS INSTRUÇÕES PARA USAR A MORTE COMO CAMINHO*. Este texto foi desenvolvido pelo C.R. Lama a partir do trabalho de Padma Trinlae. Ela oferece uma explicação completa de como realizar a prática de transferência de sua própria mente para o coração de Padmasambhava. É inseguro praticá-la sem a supervisão de um meditador experiente nesta prática. Além disso, é necessário iniciação e instrução. É apresentada aqui para que a conexão mente-corpo seja entendida claramente, e ofereça-nos um encorajamento para que as pessoas se preparem para quando o corpo e a mente se separarem.

No início desta introdução, olhamos brevemente para o processo de morte na medida em que ele ocorre, com a exaustão dos fatores cármicos que sustentam a vida. Vimos que o corpo mental que surge a partir da dissolução final dos elementos no espaço move-se rapidamente e sem impedimento através do que quer que apareça. Isso traz a ideia de como a mente, liberada de suas identificações com a densidade dos cinco skandas, pode se mover mais rápido que o vento. De fato, como este texto irá mostrar, ela viaja nos raios de sol e chega instantaneamente no coração de Padmasambhava. Esta luminosidade livre de conteúdo e substância permite à mente viajar na condição de luz na luz. Muitos dos textos anteriores trouxeram a prática de receber as luzes branca, vermelha e azul do corpo, fala e mente do Guru. À medida que nos preenchemos com essa luz, nosso ser substancial é purificado, deixando a nossa presença na própria condição da luz enquanto a consciência dual se libera no saber original não-dual. Então, nos unimos com o Guru que ofereceu sua forma aparicional ilusória como o meio para o despertar da nossa atualidade. Se praticamos isto sucessivas vezes, nos tornamos hábeis a instantaneamente sairmos do lamaçal das acumulações cármicas e descansarmos na lucidez nua. Esta é a preparação chave que permite-nos praticar a transferência intencional com êxito.

O texto se inicia com uma descrição de como a morte pode ser usada como um caminho para a liberação. Enfatiza a prática de transferência intencional como o método mais profundo em sua simplicidade e imediatez. Logo, temos o Refúgio e a Bodicita, seguimos pela prece que solicita o apoio dos Budas e Bodisatvas, a qual também é importante de ser recitada se estamos realizando a transferência para alguém. A prece enfatiza como é aterrorizante deixar tudo o que você conhece e viajar sozinho na confusão, medo e em solidão desoladora. Muitas aparências internas e externas podem nos preocupar, levando-nos para uma perda do reconhecimento de todas as boas intenções que realizamos na vida que estamos deixando. Precisamos de ajuda. Este é o motivo pelo qual a

humildade da devoção é a nossa grande aliada. Acostumamo-nos a ser honestos sobre nossas limitações e nos abrimos a receber apoio com uma gratidão genuína, que nos faz capaz de utilizar bem essa ajuda. Porque o nosso corpo depois da morte é insubstancial, se estamos livres de dúvidas ou hesitação, podemos facilmente nos unir com os Budas. A fé e a devoção nos preparam para o caminho rápido de fundir-nos na presença brilhante do Buda. A mente em confiança, aberta e vazia, irá rapidamente encontrar a liberação não-dual.

Logo, oferecemos saudação aos Budas do passado, presente e futuro, junto com os Grandes Bodisatvas. Isto nos traz a uma breve prece de linhagem que começa com Nuden Doje e é concluída com a lembrança de que o nosso próprio Guru é a presença atual de Amitaba, Cherenzi e Padma Thod Treng Tsal. Tendo isto como foco, recitamos a Prece de Sete Linhas, muitas, muitas vezes, com o intuito de separar-nos de tudo o que o estamos deixando e de unir-nos com tudo o que aspiramos. Com um foco unidirecional em Padmasambhava, rezamos para que recebamos a bênção de todos os grandes mestres. Rezamos para que eles enviem seus emissários, as dakinis, para encontrar-nos no momento da morte e levar-nos para o reino da Luz de Lótus. Então, rogamos pelo que queremos, focando na Ilha de Camaradvipa em seus modos de presença externo, interno, secreto e mais secreto. A terra pura não é outra se não a inseparabilidade da abertura, clareza e formação aparicional que é a verdade de todos os Budas e a nossa própria. Com esta clareza, rezamos para que todas as obscuridades sejam purificadas de modo que vejamos a nossa própria face de pureza primordial. Assim, na morte, seremos guiados a Zangdopalri onde veremos Padmasambhava, escutaremos sua voz e ganharemos todos os ensinamentos necessários para sermos idênticos a ele. Assim, na condição de um ser iluminado, que possamos beneficiar e guiar todos os seres de modo que eles possam ganhar o mesmo despertar!

Na página 367 temos a primeira das práticas de transferência intencional, a *TRANSFERÊNCIA GENTIL*. Descansando na simples verdade do estado aberto, sustentamos a presença de Padmasambhava claramente no nosso coração-mente de modo que estamos frescos e prontos para deixar a prisão do samsara. Então, em um instante, viajamos em um caminho de luzes de cinco cores que nos leva até a Montanha de Cor de Cobre. O mundo familiar se dissipa e a terra pura do Precioso Guru se torna cada vez mais e mais clara, mais e mais brilhante, até que nos fundimos em seu coração e nos tornamos inseparáveis. Relaxados e felizes, tudo o que vemos é a beleza brilhante desta terra pura das marcas da conceitualização.

Na página 369 começamos a *TRANSFERÊNCIA ATIVA INTENCIONAL* recitando a Prece de Sete Linhas muitas vezes. Rezamos a Padmasambhava na condição da presença dos três modos iluminados e então imaginamos que, no nosso coração, está um lótus de oito pétalas, cada uma delas sendo o lugar de uma das nossas oito consciências. No centro desse lótus, está minha consciência essencial, minha mente como eu a conheço, movendo-se e vibrando, pronta para partir. Então, ela dispara para cima em raios cintilantes de luz para dentro do coração-mente de Guru Rinpoche. Dizendo HIK! HIK! HIK! PHAT! PHAT! PHAT! irreversivelmente deixamos nosso corpo e desaparecemos no seu coração. Se esta prática é feita com devoção e empenho, a mente irá se separar do corpo, logo é vital lembrar que você só deve fazê-la, a) quando está morrendo, b) quando está sendo torturado ou tendo uma morte lenta e dolorosa ou c) for forçado a parar a prática do darma. Praticar sem que estas condições estejam presentes é o equivalente ao suicídio ou assassinato, caso faça para outra pessoa. Na sequência, dizemos preces para aumentar nossa fé na Terra Pura. Não importa se dizemos Dewachen, Potala ou Zangdopalri a devoção do nosso coração irá nos levar a liberação. É importante não reificar as deidades ou tomá-las como sendo seres humanos especiais. Elas são formas de luz e suas formas variam de acordo com as nossas necessidades.

Logo, na página 376 temos a ativa *TRANSFERÊNCIA CONFIANDO EM CHERENZI*. Diferente das duas transferências anteriores, nas quais estávamos em nosso corpo familiar, nesta prática imaginamos

que nós, ou a pessoa para a qual estamos fazendo a prática, está na forma de Chenrezi. Esta identidade imaginada suaviza nossa identificação habitual com a forma que estamos acostumados a ver-nos como a nossa própria e como definitiva de quem somos. Assim, meu Guru raiz se manifesta como Cherenzi e senta sobre um lótus no topo da minha cabeça, bloqueando o orifício da minha consciência de sair. Então, como o texto descreve claramente, nossa consciência é forçada a sair do topo da nossa cabeça e se une diretamente com o coração-mente da deidade. Quando praticamos isto, é vital que também façamos as práticas de longa vida de Cherenzi uma vez que a prática de transferência afrouxa a conexão mente-corpo. Nesta prática, Amitayus – o aspecto de Amitaba que, na relativamente, fortalece nossa força e, absolutamente, nos conduz à imortalidade – purifica nossa incorporação e a revitaliza. Ao final, recebemos as bênçãos e realizações de Padmasambava, imaginando os raios de cinco cores entrando dentro de nós e dando-nos energia e força.

Na página 394 temos as preces de conclusão, com a dedicação do mérito. Isto finaliza a prática de transferência intencional. É a essência focada de toda a devoção que tenhamos desenvolvido nas práticas anteriores. Ela diminui nossa preocupação com os assuntos sempre em câmbio desta vida e nos permite ver que eles não são eventos reais mas apenas o jogo da mente sendo interpretado de maneira equivocada.

Finalmente, na página 398, temos uma curta *PRECE DE DEDICAÇÃO* expressando nosso desejo de potencializar todo o mérito, habilidade e compromisso para benefício de todos os seres sencientes. *“Por este mérito, que possamos nos tornar oniscientes. E assim, ao derrotar todos os inimigos causadores de problemas, que eu possa liberar todos os seres do oceano de samsara no qual eles são atirados e revirados pelas ondas gigantescas do nascimento, velhice, doença e morte.”*

*Sem esforço, que possamos todos chegar, completa e abertamente,
Na simplicidade de como isto é e sempre é!*

Traduzido por João Vale Neto, dezembro de 2022.